

franquismo e estabelecer as conexões que existem entre estes dois processos aparentemente sem ligação. Apoiando-se também no capítulo de Luís Silva sobre a patrimonialização do contrabando e no de Luís Cunha sobre a sua memória, poder-se-iam compreender as representações que, tanto em Portugal como em Espanha, foram forjadas através do contrabando. Isto é, como uma actividade escondida criou maneiras de pensar partilhadas por milhares de pessoas, mesmo por aquelas que não viviam sobre a fronteira e viviam dela.

Victor Pereira
IHC/FCSH, Universidade Nova de Lisboa

José Eduardo Franco e Maria Isabel Morán Cabanas, O Padre António Vieira e as Mulheres — O Mito Barroco do Universo Feminino, Porto, Campo das Letras, 2008, 233 páginas.

Durante 2008 comemorou-se o IV centenário do nascimento do padre António Vieira. Muitos foram os trabalhos que surgiram no âmbito da “celebração da efeméride”, ou de “projectos de pesquisa e análise crítica”, como nos diz Pinharanda Gomes a propósito do livro que hoje aqui apresentamos. Não por desprimor para com os primeiros, mas pelo peso dos segundos, vale a pena visitar um dos títulos sonantes publicados no ano vieirino: *O Padre António Vieira e as Mulheres — O Mito Barroco do Universo Feminino*.

De facto, uma das provas de que este não foi tão-só para assinalar a data prende-se com a atribuição do Prémio Monografia, da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, aos seus autores, José Eduardo Franco e Maria Isabel Morán Cabanas. Tal distinção é concedida anualmente a textos de conteúdo específico e em 2008, por ocasião de Vieira, pretendia galardoar um trabalho que se inscrevesse no mote “Padre António Vieira — a dimensão cultural da sua mensagem”. Para além do reconhecimento da SHIP, o trabalho meritório dos dois autores, com vasta e consistente bibliografia publicada na área dos estudos vieirinos, revela-nos que estamos perante investigação séria, prolongada e de fundações enraizadas no conhecimento sólido da obra de um dos maiores vultos da língua portuguesa.

O Padre António Vieira e as Mulheres, de título aparentemente desconcertante, quase a roçar o desaforo, é o catálogo fundamentado das figuras femininas, fictícias ou reais, inscritas no sermão vieirino e organizadas em perspectiva contrastante, à luz de duas entidades bíblicas funda-

mentais da estética barroca: Eva, mulher-tentação, e Maria, mulher-redenção. Não é, pois, nem um indiscreto estudo sobre Vieira, nem um simples levantamento sistemático dos passos em que o padre jesuíta se reporta a figuras femininas. Antes é um documento fundamentado que os seus autores inseriram desde logo, em palavras introdutórias, na necessidade do estudo dos sermonários com o intento da obtenção de “um maior conhecimento das mentalidades, atitudes, doutrinas e comportamentos que dominam a sociedade de uma época determinada” (p. 15).

Do pecado para a salvação, da demonização do elemento feminino para a manifestação da sua virtude, José Eduardo Franco e Maria Isabel Morán Cabanas revelam essa faceta bipolar da mulher no pensamento barroco da época de Vieira: a mulher, um ser inconstante por natureza.

A astúcia, o egoísmo, a hipocrisia, a lascívia, faltas terríveis do género feminino, foram as que, materializadas em Eva, a primeira das mulheres, a primeira e fatal pecadora, impeliram o homem para a queda adâmica. Nesta perspectiva, a chamada à parenética vieirense de referências a comportamentos e figuras femininas apela, segundo os autores, à função moralizante de tais exemplos. A mulher, em oposição ao homem, pertence ao interior, à casa, ao convento; o homem ao exterior, à mobilidade, à liderança. Daí que a mulher seja considerada uma “edificação” de Deus, ao contrário do homem, que foi uma “criação”. Deste modo, por ter sido edificada, e não criada, é um “bem imóvel”, a que se deverá restringir a acção. Esta perspectiva misógina, que procura limitar a movimentação feminina, prende-se com a necessidade de evitar a proliferação do pecado, estendido da mulher, maculada desde a sua origem, ao homem. Neste sentido, deve ficar em casa, por um lado, para preservar a sua honra, por outro, para garantir a harmonia social. Mas, por sinal, tem continuamente “apetite” em sair e, por este motivo, deseja “assemelhar-se ao homem”, mais uma vez demonstrando a sua apetência para a transgressão. E mesmo no interior do lar, ou no interior do convento, Vieira aponta para o perigo da vaidade, por meio da presença de espelhos nos quartos das senhoras. É que, segundo a percepção da época, o espelho era um dos meios que o demónio escolhia para manipular o mundo feminino, pelo que havia a necessidade de evitar o culto das aparências e o excesso de luxo, tão característicos da época barroca e a que as senhoras estavam bem mais sujeitas, por trazerem sempre consigo a raiz primordial de todos os males.

Todavia, à luxúria, à devassidão, à falta de humildade — “vivemos como se fôramos imortais e não houvesse eternidade” (p. 110) — opõe-se um caminho de virtude que pode ser trilhado. Através da negação do excesso e do cultivo da modéstia e do recato, a mulher poderá sempre fazer um percurso do mal para o bem, tal como o fizera outrora a mais pecadora das mulheres bíblicas — Maria Madalena. A figura arrependida de Madalena, a confissão, a humil-

dade, a oração, a devoção ao rosário mariano, levam a mulher leviana ao encontro do exemplo da Virgem Mãe, redentora de todos os vícios.

E, se estes são os meios pelos quais o género feminino se pode redimir da sua condição primordial, mulheres houve que através destes merecem o devido destaque no sermão de Vieira, entre elas mártires, santas e até rainhas, ainda que esta coragem feminina de escolher o caminho da virtude seja muitas vezes vista como atitude “varonil”...

Porém, Vieira aborda também no seu sermão uma propriedade natural da mulher que a destaca na virtude do seu ser à partida maculado: o dom da maternidade. De facto, é através desta capacidade exclusivamente feminina que as descendentes de Eva, em certa medida, surgem como entidade superior ao homem, segundo os autores da monografia recenseada. O homem foi feito para se tornar pó, a mulher para dar lugar a outro ser. Nesta perspectiva, “por meio do acto de parir experimenta-se a passagem do não ser ao ser, encontrando-se aí o verdadeiro resumo de toda a Criação”, pois “por meio da maternidade atinge-se a imortalidade, já que a sucessão significa uma segunda vida ou uma antecipada ressurreição” (p. 149).

Nestes termos, em nossa opinião, Franco e Cabanas, ao passarem da análise da mulher-pecado para a análise da mulher-redenção ao longo do seu livro, deixam transparecer que Vieira não pretende ser apenas avesso à natureza da mulher, mas denota igualmente que de grandes faculdades está o género feminino dotado: “O estudo comparativo serviu-nos quer para confirmar, quer para relativizar estereótipos tocantes à concepção do universo feminino” (p. 203). Se é certo que “a visão androcêntrica domina a oratória sagrada de Setecentos” (p. 193), repetem os autores várias vezes ao longo deste estudo, e se é certo que Vieira plasmou nos seus escritos essa percepção misógina e paradoxal que se vivia em plena época barroca (e desde há muitos séculos), é também de notar que o jesuíta era um homem do seu tempo e que, mesmo assim, deixou na sua obra uma aversão às mulheres menos acérrima do que muitos.

Este completo catálogo vieirino, valorizado também com incursões a textos de autores que articularam este mesmo assunto explorado por Vieira e a referências plásticas da mulher nas artes, é um livro a ter em conta pela sua tese no âmbito dos estudos vieirinos e pela cadência notável do seu raciocínio.

Depois da sua edição pela Editora Campo das Letras (Porto) e pela Arké (São Paulo) em 2008, encontra-se agora no prelo, para sair ainda em 2010, a tradução italiana pela Aracne Editrice (Lanuvio), confirmando assim que esta é uma publicação a que vale a pena voltar dois anos após o seu lançamento.